

Encontro de saúde e medicina tradicional Guarani – Experiências dos Tekohas Guaranis do Litoral Sul Fluminense e Litoral Norte de São Paulo

KEREXU, Ivanildes¹; KATUETE, Kuarahy Ava²; PURI, Meli'i Xapuko³; DE OLIVEIRA, Mara Xapyra Benite⁴

¹ Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra, Paraty e Ubatuba, ivanildeskerexu@gmail.com; ² Cooperatyva Kunhangue, cooperatyvakunhangue@gmail.com; ³ Cooperatyva Kunhangue, cooperatyvakunhangue@gmail.com; ⁴ Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra, Paraty e Ubatuba

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Apresentação e Contextualização da experiência

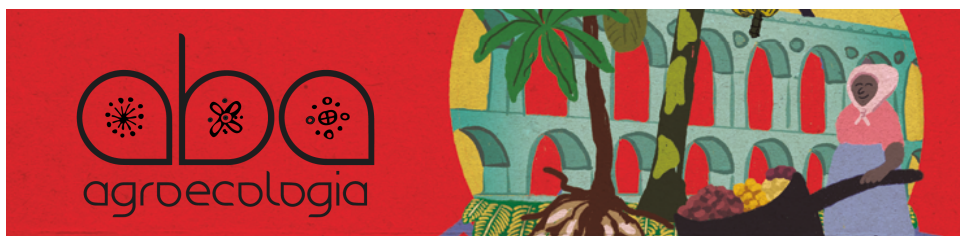
O Encontro de Saúde e Medicina Tradicional das Aldeias Guarani de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba foi concebido entre as ações do Projeto Ará, uma parceria entre a Agenda de Agroecologia e Saúde da Vice-presidência de Ambiente, Atenção e Promoção à Saúde (VPAAPS) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), a Incubadora de Tecnologias Sociais do Observatório dos Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS) e o Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra, Paraty e Ubatuba (FCT).

Conversas, trocas e a felicidade característica do povo guarani guiaram a imersão no exercício da memória acompanhando as pessoas mais velhas das aldeias Sapukai, de Angra dos Reis/RJ; Itaxî Mirim, de Paraty/RJ; Jaexá Porã (Boa Vista), Ywyty Guaçu (Renascer) e Akaray Mirim, de Ubatuba/SP, reunidas na aldeia Yakã Porã (Rio Bonito), em Ubatuba/SP, lembrando da importância de recriar redes de fortalecimento com troca de saberes, diálogo com postos de saúde locais e agentes de saúde, construção de viveiros e um catálogo de plantas medicinais Guarani.

Desenvolvimento da experiência

O encontro de três dias contou com caminhadas pela aldeia, coleta de plantas e demais elementos relacionados às práticas de saúde tradicionais, além de rodas com trocas de conhecimentos e memórias de luta em defesa dos territórios tradicionais Guarani. As vozes das lideranças e das Nhandejaryikuery (mulheres anciãs) tiveram o protagonismo, com olhares firmes e profundos que transmitiam o transpasso para os mais jovens da grande responsabilidade que sugere guardar, proteger e fortalecer as práticas ancestrais do bem estar, do bom viver, da medicina, da saúde na cosmovisão Guarani Mbyá.

Participaram do encontro aproximadamente 30 pessoas, na sua grande maioria mulheres jovens e mais velhas (Figura 1). Durante o percurso não teve participação de pessoas não indígenas (juruás), sendo os registros escrito e audiovisual



resultado do trabalho de três mulheres indígenas do território. Assim, foi aprofundado um espaço fluído e genuíno entre mulheres guaranis e o sagrado transpasso oral das sabedorias na língua nativa.

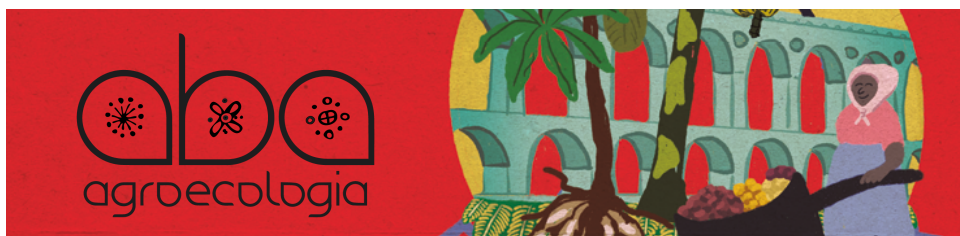


Figura 1. Chegada e recepção das/os participantes

No primeiro dia pela manhã, as participantes foram conduzidas desde os diferentes tekoha até a Aldeia Yakã Porã (Rio Bonito) onde foram acolhidas e encaminhadas para as casinhas onde iriam pernoitar. Entre apresentações pessoais e como a costume Guarani Mbyá honra, teve almoço e mais tarde, café da tarde. Os alimentos foram preparados conforme os costumes tradicionais, baseadas no milho, batata doce, amendoim, banana, ovo caipira, mandioca, carne de galinha e peixe. A liderança da Aldeia Ivanildes Kerexu falou que tudo foi organizado e pensado pelas mulheres da Aldeia Yakã Porã, desde os mínimos detalhes e foi bastante elogiado principalmente pelas mulheres mais velhas e os mais velhos, as Xejaryikuery e os Xeramõikuery. Cada comida servida trouxe, além do gosto da terra e cultivo orgânico do nhemity, o sabor sagrado das memórias, da graça de alimentar-se com receitas que foram passadas de geração para geração e permanecem vivas, fortalecidas nas cozinhas comunitárias dos Tekoha na mão e memória das mulheres guardiãs.

Depois do almoço no meio das rodas de conversas genuínas, onde todas participantes já estavam conversando, contando histórias e caçando motivos para rir pois para o modo de vida Guarani uma das melhores terapias contra as dores é a risada, teve uma breve introdução de como seriam os próximos dias, teve recorrido para o Kokue'i (sítio de plantio) para observar como estão crescendo os alimentos que foram oferecidos em diversidade e extensão. O dia foi encerrado com cantos sagrados dentro do Opy'i (Casa de Reza) pedindo o fortalecimento das pessoas que iriam liderar e as que iriam absorver os saberes ancestrais durante o encontro.

No segundo dia a jornada iniciou cedo, conforme as mais velhas ensinam com seu exemplo cotidiano, às 04h da manhã na roda do Ka'ay (Chimarrão), considerado uns dos rituais mais importantes por ter relação direta com o bem-estar Guarani. O



Ka'ay é oferecido para o interior do corpo ao amanhecer para despertar, a erva mate na cuia, os poã (remédios naturais) que acompanham a água aquecida com o fogo no chão, uma roda onde as mais velhas perguntam a todos como foi a noite. Este é o tempo quando se partilham os sonhos, as primeiras ideias e planos sobre o dia, se preparam os alimentos para as crianças e pra quem vai trabalhar na terra antes que o sol comece a esquentar demais. Depois que todos se alimentaram com o café da manhã, partimos para conhecer o espaço construído pelos guerreiros e guerreiras do tekoha Yakã Porã, um telhado espaçoso feito com madeira e teto de folhas de Pindórague (Guaricanga). Foram colocadas cadeiras em círculo e as bandeiras para ambientar a roda de trocas e conversas.

Inicialmente a liderança Ivanilde Kerexu tomou a palavra, agradeceu a presença de todas as participantes, fez menção da importância que esse encontro tem para continuar fortalecendo a forma de vida Guarani (Nhandereko), pensando na saúde, na agroecologia e no território. Fez um resumo sobre os anos de luta para o reconhecimento do Tekoha Yakã Porã, compartilhou as memórias sobre o território em que nos encontramos e abriu o momento de trocas.

“Temos a tarefa de pensar como mudar algumas coisas que nós fomos adotando, iludidos com o modo de vida juruá. Este encontro traz na minha memória muitas plantas que antigamente minha vó utilizava, tem alguns remédios que lembro de vista mais que não consigo lembrar para que servem. É importante que possamos trocar novamente esses saberes, trazer as plantas que conhecemos e mostrar pra quem não conhece. Assim fortalecemos ‘Nhandereko poãregua’”.

Ivanildes Kerexu, Tekoha Yakã Porã

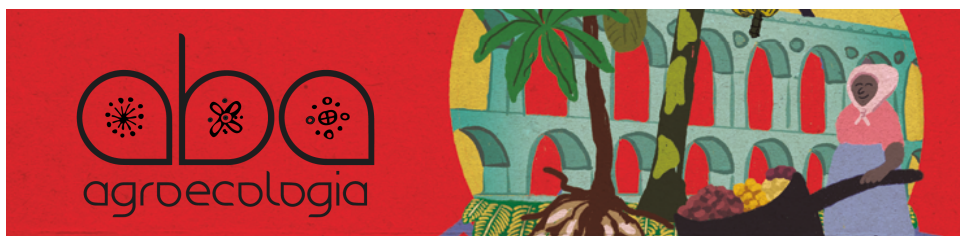
“Crescemos, saramos e nos fortalecemos com a nossa medicina ancestral. Os saberes das nossas avós nos fortaleciam quando o contato com o não indígena quase não existia, desde sempre com o tabaco através da fumaça do petyngua. Assim nós crescemos, nossos avós, nossas mães, nossas mães, dentro do Opy'i trabalharam a força que tentamos manter viva a cada dia. Nós aprendemos que a nossa casa de reza é nosso lugar de cura. A nossa missão no presente é continuar ouvindo e valorizando cada vez mais esses saberes que temos no meio das nossas mais velhas e mostrar pra elas interesse de sermos guardiões das sabedorias do nosso povo guarani, sobretudo na hora de defender esses saberes quando comparamos com a medicina do juruá. É importante que defendamos nossas próprias crenças e aquilo no qual nós aprendemos porque temos como herança”.

Eva Jera Benites, Tekoha Itaxi Mirim

Nós lutamos pela vida, pela demarcação das nossas terras damos valor para conhecimentos que temos dentro dos nossos territórios, no ka'aguy. Muitas vezes os juruá nos chamam pra cursos de 'medicinas naturais', pouca coisa dá pra entender. Tem coisa que acreditamos e repassamos, mas nem sempre funcionam como eles falam, isso nos deixa desconfiados e sem vontade de trocar. Quando falamos de saúde temos que pensar em como estamos sentindo. É importante fortalecer as trocas entre saberes, ser responsáveis é querer a cura do outro. Poã é vida, é a nossa vida”.

Aldemiro da Silva, Tekoha Sapukai

“Quando nossos antepassados ainda eram fortes e caminhavam por aqui e nós que somos mais velhos agora, éramos crianças, víamos como eles curavam o nosso povo. Os rituais de cura começavam desde cedo, antes de amanhecer e virando a noite dentro do Opy'i, quando faziam os rituais e preparavam os remédios. Somente os mais velhos assistiam, crianças não eram permitidas de entrar junto. O que ficou na nossa memória foram as vezes que caminhávamos com Xejarýi na mata e elas colhiam folhas, cascas e raízes. Quando elas partiram ficamos sem saber como manter.



Desde 1970 que começamos a organizar encontros, entre poucos, prá pensar como continuar, com o tempo muitas coisas mudaram, até as doenças das crianças parecem ser diferentes do que nós conhecemos de antigamente, nossos mais velhos sabiam muito bem como nos fortalecer”.

Xeramõi Altino Wera Mirim, Tekoha Ywyty Guaçu

“Continuamos e continuaremos levando a nossa medicina originária porque acreditamos nela e pra ela continuar entre nós, nós temos que acreditar fortemente também, assim podemos sarar e continuar fortes. Vocês têm a gente aqui agora para repassar tudo que sabemos, tudo que conseguimos lembrar e esperamos que o transpasso vire prática, porque nossa medicina é a única que não precisa de dinheiro para chegar em quem precisa, nós não colocamos preço porque isso é sagrado”.

Jaryi Dona Santa Rosa da Silva, Tekoa Jaexá Porã

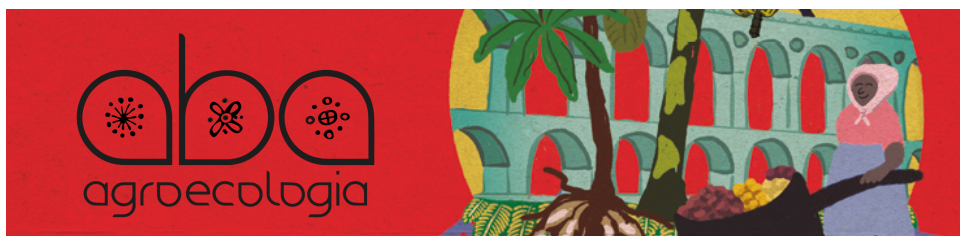
“Quando alguém me pede por alguma doença eu peço também para ir no Opy’i pois é ali onde Nhanderu nos mostra o caminho para sarar. Nós ficaremos vivos enquanto os remédios que nossas Xejaryikuery deram nos mantenham em pé e fortes, assim nós acreditamos e por isso eu repasso para os jovens também. Tudo que acredito e que compreendo são para o bom viver. Peço para os jovens valorizar nosso ensinamento para quando precisem e não diga que a avó não passou ou não falou

Xejaryi Alrida Ara Ribeiro, Tekoa Akaray Mirim

O terceiro dia começou bem cedo na roda do Ka’ay. Foi oferecido o café da manhã e posteriormente iniciou o recorrido pelo território do tekoha em busca e identificação das plantas medicinais, cascas, folhas, raízes, etc. que formam parte importante das memórias dos guaranis Mbyá. As Xejaryikuery (mulheres mais velhas) e Xeramõikuery (homens mais velhos) guiaram os passos trazendo durante a caminhada memórias sagradas de quando praticavam caminhos parecidos na mata fechada junto com as Nhandejaryikuery que hoje já não estão corporalmente, mas que continuam entre nós desde a força das sabedorias que traspassaram.

Para cada planta identificada, determinou-se uma atenção especial. Segundo a cosmovisão guarani, antes de arrancá-las é indispensável pedir licença e realizar um nhemonguetá (conversa) com a própria natureza, pedindo a nhanderue e nhandexyete a força corporal para enfrentas as doenças. Acredita-se que, de modo contrário, o poder e força do poã é arrancado subitamente e, portanto, debilitado e deixando-o vão. Foram identificadas algumas plantas, partilhados os conhecimentos sobre seus usos e preparos tradicionais.

Este dia foi o escolhido para trazer no presente as memórias sobre ensinamentos antigos que aparentemente perdem força ao transcorrer do tempo. Isto acontece porque a forma de vida juruá traz consigo muita imposição, falas que atemorizam as pessoas indígenas e que, por conseguinte, provoca severa mutilação étnica dentro da própria cosmovisão das comunidades. Muitos jovens estão crescendo desacreditando nas formas de cura que as mais velhas conhecem e preservam. A alimentação tradicional é uma prática que mesmo estando incorporada fortemente nas cozinhas comunitárias dos tekoha não é praticada com a mesma força por todas as pessoas nas aldeias. Uma responsabilidade histórica que não é assumida, resultado da inserção das verdades, crenças e formas de vida juruá através do contato com as cidades próximas, o consumismo, as informações daninhas que



chegam através dos celulares e a internet. Os guaranis vão adotando maus hábitos de alimentação, incorporando costumes alheios à própria cultura, como bebidas alcoólicas industrializadas. Esses assuntos foram trazidos repetidas vezes no decorrer do terceiro dia como pontos preocupantes e nomeadas como 'doenças que precisam ser tratadas com ímpeto na atualidade para guiar e fortalecer a todos os guaranis da região'.

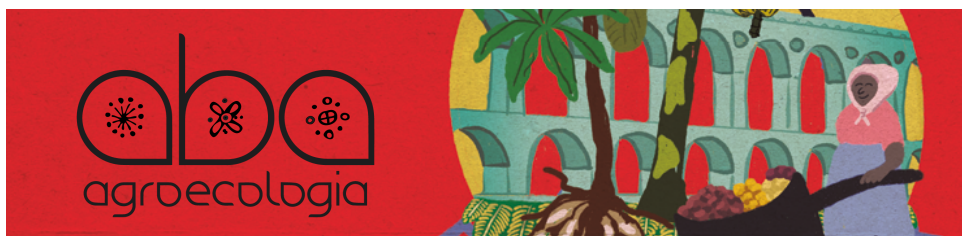
No horário noturno, quando o sol dava os últimos raios de luz, a convocatória para rezas encaminhou a todas e todos para dentro do Opy'i. Poraí, jerojy, pety moataxi invocaram a força dos ancestrais sempre no pedido conjunto de cura de todas as pessoas do tekoha. Cada canto e dança foi direcionado para o fortalecimento espiritual e físico das crianças, dos mais velhos e para as xondarias e xondarios que lutam a cada dia para preservar e defender a cultura Guarani Mbyá.

Os momentos finais do nhemboaty (encontro), após compartilhar as receitas e nomes das plantas, foram partilhadas experiências sobre indisposições pulmonares, estomacais de fígado, doenças relacionadas ao útero, à bexiga e situações em que as mulheres experimentaram intervenções dos médicos juruá para acesso a cirurgias, tratamentos estritos, etc. No final do encontro a comunidade do Tekoha Yakã Porã distribuiu a fartura que receberam da terra como forma de agradecimento a Nhanderu e a todas e todos os participantes do nhemboaty, foram distribuídos mandioca e sementes nativas de milho (avatietye).

Desafios

A partir das conversas finais, identificamos que é realmente necessário colocar em prática as recomendações das Nhandejaryikuery e Nhanderamõikuery quem fizeram alusões importantes, acompanhadas dos posicionamentos das diferentes lideranças presentes a respeito de persistir construindo espaços de grande convocatória para preservar a forma fundamental de aprendizado da cultura Guarani Mbyá que se centra nos intercâmbios de saberes nhaderekorehegua através da oralidade e o reconhecimento de todas as pessoas mais velhas do território que promovem a importância do interesse para os mais jovens. É imprescindível proteger e continuar preservando a ciência não ocidental de medicina preventiva, tratamento e cura das doenças vistas como físicas assim como também as de caráter espiritual. Também é importante dar atenção às recomendações das mais velhas e mais velhos que conservam cotidianamente a cultura baseada nos rituais no Opy'i e as pessoas que trabalham com a preservação das receitas tradicionais nas cozinhas dos tekoha, onde majoritariamente se centra a força das mulheres xondarias, sendo espaço de encontros cotidianos multigeracional. Além disso é importante reforçar os trabalhos nos kokue'i (espaços de plantio) para os Mbyá guarani, pois esses espaços são o território sagrado de fortalecimento físico e espiritual.

Preservar a cultura originaria guarani Mbyá também significa resguardar o direito dos povos originários de proteger as próprias perspectivas e cosmovisões. As causas das enfermidades como também das formas de entender a medicina está relacionada integralmente à terra, ao cotidiano, as formas de comer, tempos de



plantar e de colher, os costumes ancestrais de preparação antes durante e depois do ritual da alimentação, pensar no que não deve ser feito ou consumido do mercado para evitar males específicos das sociedades juruá por consequências do veneno que esses alimentos contêm. Conversamos sobre o que é saúde e o que precisamos para estar saudáveis e entendemos que é saúde é o contato pleno e livre com o território, demarcação das terras para proteção das formas de vida originárias na nossa região, a luta para erradicar o ódio o racismo. E que é importante entender que as maneiras de apropriação que os não indígenas (juruá) realizam, falta com respeito ao sagrado da história das comunidades guarani em todo o território nacional. Que os agentes de saúde tenham capacitação e maior estudo dos costumes ancestrais para compreender melhor que o fortalecimento das crenças, ritos e costumes da cultura Mbyá está diretamente ligado com o seu bem-estar.

Principais resultados alcançados

Durante a realização do encontro, foi possível realizar a identificação de cerca de 16 plantas medicinais e suas diferentes partes como folhas, raízes e cascas, que estão presentes no território do Tekoha Yakã Porã e são tradicionalmente utilizadas para a prevenção, tratamento e cura de aproximadamente 28 enfermidades e/ou condições de saúde recorrentes entre as pessoas das aldeias. As formas de preparo, assim como as indicações de uso também foram compartilhadas entre participantes do encontro e foram sistematizadas para futura elaboração de material educativo que trará orientações de identificação e uso das plantas e será publicado em idioma guarani. Também foi apontada a construção de um viveiro no tekoha Yakã Porã para a reprodução e futura distribuição das plantas mais utilizadas na saúde e medicina tradicional guarani sem, contudo, deixar de dar importância à defesa do território, espaço principal de manutenção e reprodução dessa biodiversidade.